

UMA “FLÂNERIE”¹ NO LOMBO DO BOI DA MAIOBA: refletindo a tradição/modernidade na cultura popular maranhense

*Adriano Farias Rios**

RESUMO

Manifestação de grande expressividade no Estado do Maranhão, o Bumba-meu-boi é um fenômeno da cultura popular que pode ser visto enquanto objeto de reflexão para análise da relação tradição/modernidade. Isto porque é uma festa constituída por elementos “tradicionais característicos” e elementos ditos modernos adquiridos a partir do momento em que se tornou uma mercadoria turística. Com base nesta perspectiva, este trabalho busca demonstrar como os brincantes do boi da Maioba agem com e pela sociedade numa espécie de “flanerie” pelo passado e presente. Nesta ação, desenvolvem um complexo jogo de deslocamento dos seus símbolos que contribuem para reunião de amigos, conhecidos ou desconhecidos, levando-os a atualizar os seus laços de solidariedade e dar continuidade à brincadeira.

Palavras-chave: Bumba-meu-boi. Tradição. Modernidade. Cultura popular

1 INTRODUÇÃO: ... E lá vem o Bumba-meu-boi da Maioba

O Bumba-meu-boi do Maranhão, assim como toda brincadeira de caráter folclórico, tem por peculiaridade o fato de que os seus brincantes mesmo não acordando quanto a como começou, entretanto, costumam dizer que

Tá no sangue do maranhense, certo?! Do maiobeiro. O que

* Mestre em Antropologia pela UFPA.

seria da, da, de nós se não tivesse essa beleza que é o Bumba-meu-boi pra gente brincar, pra extravasar essa alegria. Pra mim é... como eu falei tá dentro do sangue, é uma atividade que alimenta o corpo, a mente” (Informação verbal)².

O bumba-meu-boi é uma “satisfação”, “dá prazer”, “é energia” que faz parte da vida da gente do boi e por isso há entre eles um sentimento de não deixar que a brincadeira morra.

Ao mesmo tempo

Sai caro, sai caro, um boi sai caro, eu não tenho nem noção, não tenho nem noção, mas sai caro. A gente brinca, o boi da Maioba, a gente brinca, não é fácil você manter esse boi com 16 caboclos, roupa do boi, pena é caro, manter 16 ôni-bus, viu é caro, é caro, um boi da Ilha, hoje é caro, muita gente pensa que não é, mas é caro (Informação verbal)³.

Assim, se para fazer um boi a satisfação é fundamental, o mesmo pode ser dito, em outras proporções, quanto aos recursos para a sua realização. Ainda mais num contexto moderno em que o boi da Maioba, especificamente, é tido como um dos mais atraentes e solicitados, como aquele que é capaz de garantir sucesso de público em qualquer evento.

E por ser tão atraente é que se apresenta para os brincantes a preocupação em ter uma indumentária que agrade aos olhos dos que assistem. Entretanto, não se pode deixar de dizer: agrade também aos próprios brincantes. Nessa preocupação em agradar aos “de dentro” pode-se encontrar um caráter histórico (e tradicional) do fazer a brincadeira referindo-se à época em que o público era resumido, não indo além das fronteiras do seu sítio natural⁴: o bairro da Maioba. O mesmo caracterizava-se por ser um local de difícil acesso, desfavorecendo o deslocamento dos moradores e brincantes tanto para outros bairros quanto para o centro da cidade.

O acesso até pra ir ao centro era muito difícil porque não tinha estrada, era caminho e você se guiava pelo caminho do fio, o caminho do fio que era o guia de você chegar à cidade ou então qualquer outro local porque não tinha estrada, o caminho, se guiavam pelo caminho do fio, o fio que dá a ligação dos correios e telégrafos e a Maioba viveu muito isso aqui. O meu pai, os meus avós sempre nos con-

taram isso. É que a Maioba sempre teve essa dificuldade. (Informação verbal)⁵.

Ao falar do Caminho do Fio, o presidente refere-se a um caminho que perpassava todos os povoados que constituíam a área da Maioba. Povoados que eram essencialmente rurais posto que giravam em torno da lavoura e de atividades afins. Com o tempo as mesmas foram sendo deixadas de lado e os moradores foram levados a assumir outras atividades em decorrência das mudanças que foram acontecendo na estrutura física do bairro e da própria cidade de São Luís. O depoimento de um antigo brincante serve para destacar um pouco o que se quer dizer:

Antes de adoecer, eu era lavrador, mas parei. Vivemos cercados desses esgotos: Maiobão, Cohatrac, Cohab, todos passam aqui. A água ficou tão poluída que não se pode mais trabalhar com a lavoura. A maior parte do povo largou, mas aqui, todo mundo trabalhava com verduras e cada qual vendia os seus. Vendemos a lavoura por causa da água. (MARANHÃO, 1999, p. 157).

Ou ainda,

Mas agora, a água do rio ficou escura e o povo está largando a lavoura para trabalhar como empregado, negociante, ou trabalhar com água encanada. Na minha casa, molha-se com água encanada de poço e bomba. (MARANHÃO, 1999, p. 158).

Aos poucos, a Maioba deixa de ser uma área essencialmente rural para se transformar em algo também urbanizado e modernizado, tanto que, o Caminho do Fio modifica-se e vira a Estrada da Maioba: asfaltada, sinalizada, garantindo um melhor acesso à região. Fato que permitiu um maior fluxo de pessoas dentro da Maioba em contato, principalmente, com a cidade de São Luís. Com isso, há a possibilidade de que a mais expressiva manifestação cultural do bairro, o boi, possa sair do seu viveiro e circular por toda cidade, levando consigo a sua própria história originariamente ligada à formação do bairro.

Se por um lado, “os maiobeiros” dedicavam-se no seu dia-dia em suas atividades agrárias, por outro, buscavam maneiras de se divertir, brincar e quem sabe amenizar o cansaço provocado pelo trabalho. Nessas condições, segundo os brincantes, a Maioba sempre foi conhecida pelo seu jeito festivo de

comemorar o São João e de buscar meios de diversificar as noites juninas “para não passar a noite de São João em claro” (Informação verbal)⁶. Apesar de ser considerado pelos brincantes como tradicional por ter seus 106 anos de existência, parece fugir da memória dos mesmos elementos que remetam a seu momento inicial. De qualquer forma, vem à mente fatos que ligam a brincadeira à organização do boi de cofo.

É, o boi da Maioba foi o seguinte: começou em uma brincadeira, o boi chamava um tal de boi de cofo porque não tinha os aprepapos, né. Então, aí inventaram, pegaram um paneiro de farinha, que o moço desocupou lá na barraca, deu um paneiro, lá pediram um paneiro de farinha, aí desocupou um paneiro de farinha. Rapaz vamo fazer um boi? Umbora, mas não tem maracá, pega uma lata de manteiga e machuca ela, bota umas pedra dentro pra sacudir, pra servir de maracá. Tudo bem. Matraca, não tinha matraca: rapaz corta uns pedaço de pau aí, faz umas tabas, pega outro pedaço de ripa e tauba velha e,e. . . umbora fazer esse boi. Aí começaram naquela brincadeira, tal, tal, aí começaram ensaiar, ensaiar e cantar aquelas toadas, uma era certa, outra era errada e nego começaram. Aí fizeram os pandeiro de couro, botava na fogueira, esquentava, como ainda tem hoje, aí esquentava pra ver se tava bom (Informação verbal)⁷.

E assim foi feito durante muito tempo o boi de cofo que com número determinado de pessoas realizava os seus ensaios e apresentações nos terreiros das casas nos diversos povoados que compunham a Maioba. Por conta desse passeio do boi nos povoados e pelo interesse de alguém organizá-lo no outro ano é que não havia um lugar próprio ou pessoa que fizesse a brincadeira. Aquele que arrematasse a cabeça do boi que ia pra leilão na morte, é quem se tornava o dono do boi no próximo ano e por isso responsável, juntamente com outras pessoas, pela sua organização. Entretanto, independente do local e da pessoa responsável, o boi que fosse feito representava a Maioba e não somente um povoado.

Durante este período o boi era realizado por pessoas que se dispunham a fazê-lo sem que tivesse que usar uma grande quantidade de recursos financeiros. Muitos desses organizadores são da época em que o grupo se locomovia a pé e o cantador executava as toadas⁸ no gogo, pois não era usado o microfone e a tranquilidade dos lugares que percorriam possibilitava que o som da cantoria se expandisse como que anunciando a presença do boi. Assim, o

cenário em que o boi da Maioba brincava era exclusivamente em meio a juçareiras, mangueiras, cajueiros, goiabeiras e todo o mundo da lavoura em que viviam os brincantes.

Depois desse período primeiro da Maioba, a região “maiobeira” ficou, aproximadamente, uns oito ou dez anos sem ter boi por motivos não sabidos pelos brincantes.

A partir de 1961, o boi da Maioba passou para a responsabilidade de João de Chica que, por uma promessa feita a São João, associou-se a Calça Curta, Papeira e Pedro Boca Preta e formaram um grupo de coordenadores da brincadeira durante 20 anos. Com essa união, buscou-se dar uma cara nova à brincadeira. Primeiro, com a construção de uma capela e um barracão para a sede do boi. Segundo, com aquilo que se poderia chamar de nova roupagem para a indumentária dos brincantes e do próprio couro do boi:

Aí foi começando, foi começando, quando aí tinha o Calça Curta, tinha o Calça Curta, ele tinha, ele tinha o Mundico de Rita e tinha o irmão dele. Aí ele disse: rapaz vamo endireitar esse boi, vamo comprar os aparelhos. Foram comprar. Não tinha, não existia miçanga, era só lantejoulou, um negócio assim redondo que brilha pra disgrota. Aí vamo comprar lantejoulou, compraram lantejoulou. Foram na matança, pegaram uma cabeça de um boi, aí fizeram, mandaram o rapaz preparar. Ele preparou tudo direitinho, aí pintaram, aí pintaram o boi, ajeitaram aqui. . . a moça fez o couro de boi, fez o couro do boi, pregou tudinho aquele lantejoulou, um no outro, no outro, no outro, quando teve pronto o couro do boi, tava pronto, aí botaram. O boi já tava tudo preparado. Já era o boi feito de buriti. Aí começou o boi, aí já tinha outras pessoas que enxergaram: ah, o boi vai em frente. (Informação verbal)⁹.

Desde então, o boi foi em frente. Todo ano a brincadeira sai às ruas sob a responsabilidade de um grupo de pessoas. Se foi João de Chica que primeiro colocou o boi nessa sua, diga-se de passagem, nova fase; foi Dá na Vó quem cantava as toadas, tornando-se o amo do boi. Era ele o responsável em criar a cantoria a ser apresentada durante as apresentações do boi. Por estar em condições de saúde desfavoráveis, Dá na Vó convidou João Costa Reis, mais conhecido como João Chiador, para ajudá-lo na cantoria. Fato muito bem aceito por João de Chica e demais membros do grupo. Ao final dessa temporada Dá na Vó, muito doente, morre e Chiador assume sozinho o trabalho de criar e cantar as

toadas. Nesse período,

Brincamos três anos fora da Maioba: um em Santana, um no Maracanã e outro no Matadouro, acompanhando Chiador, porque ele só ia se a tripulação o acompanhasse. A Maioba ficou sem boi, de luto pela morte de Dá na Vó. (MARANHÃO, 1999, p. 149).

De qualquer forma o boi não deixou de ser feito desde então. A cada ano a gente do boi se achava na obrigação/satisfação de colocá-lo na rua de maneira que a brincadeira não deixasse de existir. Com Chiador o boi da Maioba passou a ser visto como um dos batalhões pesados, atraindo um grande público e tornando-se muito famoso. Por isso, muito solicitado para fazer apresentações. Desse tempo tem-se uma grande produção discográfica, dando ao boi da Maioba o título de um dos pioneiros nessa área e a possibilidade de fazer circular na sociedade maranhense as suas toadas, tocando em rádios, bares, programas de tv.

Ao mesmo tempo em que a Maioba se estruturava internamente, externamente havia uma mudança quanto à visão que se tinha do Bumba-meu-boi: o poder público passa a vê-lo como uma manifestação popular cultural que podia atrair recursos financeiros para o Estado e o Município. Diante disso, internamente, há a criação da Associação Beneficente Bumba-Boi da Maioba, em 1989, incentivado por Zé Inaldo, filho de Calça Curta. Fato ocorrido por conta da morte de seu pai e de seu padrinho, João de Chica. Com a formação da associação, segundo Zé Inaldo, “começamos arrumar o espaço, fizemos um barracão, um bar e outras melhorias para o local”. Aos poucos, a Maioba foi saindo de seu viveiro e, concomitante a isso, foi aumentando o interesse do público pelo batalhão (e mesmo daqueles que até então discriminavam-no). Não se pode esquecer de destacar a figura de Chiador como um dos atrativos da brincadeira. Entretanto, em 1992, ele sai da Maioba, segundo alguns depoimentos de brincantes, por alguns diretores do boi de São José de Ribamar terem lhe oferecido uma certa quantia em dinheiro.

Nestas condições, a pergunta que os “maiobeiros” se faziam era: quem poderia substituir João Chiador e dar continuidade à andança do boi? Pensou-se em buscar um cantor de nome em outros grupos de boi. No entanto, o que prevaleceu foi ficar com a prata da casa: Francisco Souza Correia, o Chagas. Foi ele quem assumiu o comando do batalhão. No começo, alguns brincantes ficaram desconfiados e preocupados porque achavam que “a Maioba iria cair”, “não teria a mesma força”. O que não aconteceu: com Chagas, segundo a gente do boi, a Maioba não só continuou sendo o “batalhão pesado” como também

tornou-se um arrastão que avança os limites do seu sítio natural.

2 O BOI DA MAIOBA CHEGA EM SÃO LUÍS

Tem-se assim, um boi que começa a caminhar pela cidade, levando sobre o “lombo” a sua história. História guardada na memória dos seus brincantes e que, vez por outra, é contada, relembrada como forma de destacar a necessidade de brincar o boi. Muitos dos fatos relatados mostram-se menos como uma preocupação cronológica do que como uma ligação entre acontecimentos que, na lembrança da gente do boi, permite uma (re)construção simbólica à medida que se apresenta como referencial para os brincantes darem continuidade à esta manifestação cultural.

Vale ressaltar que oficialmente o grupo de boi da Maioba tem 106 anos, datados desde 1897. Entretanto, no ano de 1997, em decorrência da comemoração do centenário do boi, houve rumores de que na verdade a Maioba estava completando 98 anos ou 102 anos. Coincidência ou não, sem entrar em maiores discussões, admitiu-se o centenário ao mesmo tempo em que o governo do Estado em seu projeto modernizador promoveu o “Viva Maioba¹⁰”. Ao mesmo tempo, por ter se tornado uma associação beneficente, o grupo de boi da Maioba faz-se valer do “status” que seu nome tem para conseguir benefícios para a comunidade, tanto que há a construção do Centro Cultural da Maioba, de uma rádio comunitária como também a solicitação de melhoria da Estrada da Maioba. Parece que o grupo se dá o direito porque em muitos eventos do qual participa é fato a presença de personalidades influentes da política maranhense. Não parece precipitado dizer que a Maioba é um filão eleitoral por atrair uma grande quantidade de pessoas e pelo interesse dos políticos em ter um bom relacionamento com os brincantes. Até mesmo porque estes não são somente moradores da Maioba, mas dos municípios de São José de Ribamar, Paço do Lumiar e São Luís.

Vale fazer um parênteses, neste momento, para dizer que os municípios citados referem-se aos que, juntamente com o da Raposa, compõem a Ilha de São Luís (ou Upaon Açu), sendo que geograficamente o bairro da Maioba localiza-se no município de Paço do Lumiar. Entretanto, a vida dos seus moradores está muito ligada a São Luís no que concerne ao comércio, educação, saúde e manifestações culturais. Isso pode ser explicado pelo próprio valor histórico da cidade. A mesma acha-se localizada na margem ocidental da Ilha de São Luís, tendo sido fundada pelos franceses em 8 de setembro de 1612, passando, em 1615, para o domínio dos portugueses e ficando, a partir de 1641, três anos sob o domínio dos holandeses. Voltou depois para o jugo dos portugueses. Caracteriza-se por ter recebido diferentes influências culturais, destacando-se a dos índios e

as dos negros. Como capital, São Luís, desde 1950, foi centro de transformações que vai ter o seu ápice a partir de 1960, no governo de José Sarney. Seguindo os passos do chamado modelo do Milagre Econômico Brasileiro implantado pelo governo federal, o Estado promove um projeto desenvolvimentista cuja intenção era alavancar a economia local, deixando-a equiparada à nacional e internacional.

É interessante observar que, no Maranhão, a década de 60 desponta como um tempo em que as coisas se danaram mesmo para mudar mais rápido, até aí São Luís era menor, tinha o centro e uns dez a doze bairros ao redor dele. Então, com obras do tipo da Ponte de São Francisco, da Barragem do Bacanga, do Porto do Itaqui, da estrada que vai do Bacanga ao Itaqui. Tudo foi ficando mais diferente (CARVALHO, 1985, p. 90).

A cidade muda a sua estrutura física, o acesso a determinadas localidades é facilitado, a energia elétrica que existia somente no centro passa a ser distribuída para outros lugares. O Estado investe para que o Maranhão pudesse acompanhar o desenvolvimento dos demais. Para isso, deu continuidade ao processo nas décadas de 70 e 80 apoiado com o advento e a expansão do capital internacional, resultando disso a instalação de um Distrito Industrial com seu ápice apontando para o Projeto Carajás. São Luís modifica-se baseado em um projeto modernizador financiado pelo Estado. Assim, acontece em São Luís um fenômeno parecido com o que ocorreu na Paris e na São Petersburgo do século XIX muito bem retratado por Marshall Berman (1994) em *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. Nestas cidades ocorreu um processo de modernização e urbanização construído, inventado, porque imposto, cujo objetivo era fazer com que fosse dado aos indivíduos a possibilidade de caminhar por toda cidade.

Se por um lado, a capital apresenta condições físicas e geográficas que a fazem ser o centro econômico do estado, por outro, as suas influências culturais (negras, índias e brancas) passam a ser vistas como potencial turístico. Assim os grupos de bois (e não somente eles) tornam-se produtos turísticos.

É no governo de José Sarney que começa a prática de apresentar grupos de Bumba-meu-boi no palácio do governo, como um produto exótico para turistas e visitantes oficiais. O pagamento era sempre em garrafas de cachaça. Para apresentações em locais públicos e privados, a moeda da época era, além da cachaça, o transporte dos brincantes em cami-

Assim há, talvez, também de forma imposta uma mudança na mentalidade da sociedade ludovicense quanto ao brincar boi. “[a] modernização da cidade simultaneamente inspira e força a modernização da alma dos seus cidadãos” (BERMAN, 1994, p. 143). Dessa forma, se a cidade de São Luís modifica-se física e economicamente, as opiniões em relação às atividades feitas pelos grupos de Bumba-meu-boi também vão se alterando, sendo vistas como peculiaridades da cultura maranhense. É evidente que opiniões contrárias a estas manifestações constituem-se um fato.

De qualquer forma, não é à toa que o grupo de boi da Maioba se organiza, funda uma associação e procura sair mais do seu sítio natural, fazendo apresentações em diversas partes de São Luís. Torna-se um dos bois mais preferidos dos maranhenses e do poder público, deixando de ser um pequeno grupo “de apenas 5 caboclos de pena¹¹, muito pobre, sem rajado, brincando com 5 pandeiros” para se tornar um grande batalhão que conta hoje com 120 brincantes fixos, entre matraqueiros, índias, vaqueiros e pandeireiros que procuram se apresentar da melhor maneira possível para não decepcionar aos seus admiradores. Brincantes e admiradores que não são mais somente da Maioba, mas da Janaína, Coroadinho, Caratatiua, Liberdade, Parque Universitário, Sacavém, Jórdoa, Ivar Saldanha, Cohatrac, Vai quem Quer, Vila Passos, Boa Vista, Turú, Avenida Kenedy, Santa Cruz, Coréia, Vila Cafeteira, Lira, Vinhais, Santa Clara, Madre Deus, Sítio Novo, Tapera, Barreto, Centro, além de outras localidades. Isto é, “o boi da Maioba não pertence mais só à Maioba e sim pertence à Ilha de São Luís”. E esta pertença faz com que não só a Maioba, mas também a grande maioria dos grupos de boi, passe a ser visto como um grande cabo eleitoral que teve a sua grande ascendência a partir do governo de Roseana Sarney.

A governadora descobriu que em São Luís o principal grupo formador de opinião está ligado à cultura e soube seduzir a classe artística e os intelectuais. O grupo liderado por Sarney jamais ganhara uma eleição na capital após sua vitória em 1965. Em 1998, Roseana foi reeleita governadora com uma histórica vitória em São Luís. A postura foi um dos motivos que a tornaram aceita na Ilha de São Luís como nenhum outro nome apoiada pelo grupo Sarney conseguira até então. Os artistas principalmente cantores e compositores, por sua vez, caíram de amores pela governadora. E assim, um numeroso grupo deles passou a se revezar no palco

permanente montado no quintal de Rose – como carinhosamente chamam a governadora Roseana Sarney. Vencendo a resistência inicial imposta pelo sobrenome, Roseana sagrou-se como a governante mais aceita por seu eleitorado em um estado brasileiro. (OLIVEIRA, 2003, p. 50).

No caso específico do boi da Maioba, esta relação com Roseana, agora senadora, torna-se mais forte porque ela passou a ser considerada, pela diretoria e pelos próprios brincantes, como madrinha de honra do batalhão. Não é por menos que praticamente em quase todo batismo do boi ela se faz presente, levando consigo toda a sua comitiva de políticos o que faz da Maioba um boi que coloca o seu “chifre” tanto nos “currais” dos bairros quanto no do poder público. Disso decorre que a Maioba realmente parece não ser mais da Maioba. Isto tem duas implicações: a primeira que “maiobeiro” não é só aquele que nasce na Maioba, mas todo o que se vê como brincante de boi. A segunda, refere-se ao fato de que por ter se tornado uma mercadoria turística tenha que sair bastante do seu viveiro e atender aos contratos ou pedidos que lhes são feitos. Dito dessa forma parece que o boi da Maioba exista para somente cumprir os seus compromissos e para isso tenha que atender a exigências de um mercado consumidor de maneira a agradar aos “de fora”.

No entanto,

“o boi é para o povo, com o povo e do povo. Então é para todos, não é somente quem tá lá. O boi da Maioba, ele tem a função de buscar a mais. O boi não é só pra turista é para todos, é para todos. O boi tem uma tradição, né, através do meu avô quando ele dizia assim: olha o boi da Maioba vai sair, vamos convidar mais gente, quer dizer é um termo de união sempre buscando, elevando, é, sempre buscando pessoas a participar da nossa brincadeira dentro da Maioba” (Informação verbal)¹².

Sendo assim, o boi da Maioba tem um compromisso com a tradição, seja ela guardada na memória dos brincantes, seja ela praticada através do calendário ritual do Bumba-meu-boi. Em ambos os casos é estar ligado com o passado em meio a um contexto moderno que pretensamente se mostra novo, mas que na verdade tradicionaliza-se à medida que busca na tradição referenciais que o consubstancie. Ao mesmo tempo, aquela moderniza-se porque se atualiza, faz-se nova posto que se torna presente.

Se por um lado os brincantes do boi da Maioba modernizam a sua

tradição quando, utilizando a memória, contam e recontam fatos e falas aos mais jovens como forma de reconstruir o passado do boi, por outro, é no envolvimento com os ensaios, apresentações, batismo, morte, toadas e todo um universo da brincadeira que também passado e presente, tradição e modernidade dialogam.

2.1 Chega a hora de ensaiar

O contato do boi com os brincantes começa a todo início de ano quando em reuniões na sede da Maioba, a diretoria do grupo discute o calendário de ensaios, apresentações, batismo e morte além de tomar as medidas necessárias no que concerne à indumentária, ao couro do boi e aos demais materiais a serem usados durante todo o ritual. Durante as reuniões um ponto sempre em evidência está ligado com os gastos do boi

Porque hoje o boi ele tem uma despesa muito grande, ainda mais no caso a minha Maioba, a minha Maioba, ela tem uma despesa muito grande com transporte, com transporte, com alimentação, com bebida. É muito grande a despesa da Maioba. (Informação verbal)¹³.

E essas despesas tornaram-se mais evidentes a partir do momento em que o Bumba-meu-boi da Maioba deixou de ser uma brincadeira exclusivamente feita pelos e pra os da Maioba (bairro) e transformou-se também em produto turístico que em geral cobra entre R\$ 1.000,00 /R\$2.000,00 para apresentar-se. Dinheiro destinado ao pagamento parcial dos débitos adquiridos pelo grupo. Por conta disso, é que a diretoria do boi começou a vender, desde 2002, os seus ensaios para casas de shows ou alguém interessado em fazer um evento como meio de arrecadar mais recursos para a brincadeira. Fato que de uma certa forma escandalizou alguns integrantes por considerarem uma afronta à tradição posto que “o ensaio era pra ser na Maioba. . . isso é um erro que a diretoria do boi ta fazendo, que o boi é da Maioba” (José de Ribamar - vaqueiro). Entretanto, acaba sendo um consenso entre a gente do boi o fato de que, como fonte de recursos, os ensaios podem ser uma opção. Aspecto que acaba se qualificando como mais um motivo para que os brincantes ensaiem.

Tradicionalmente os ensaios de um grupo de boi têm início no período compreendido entre o final de abril e os primeiros dias de maio com o sábado de aleluia sendo considerado por vários bois como data de abertura dos ensaios. No geral, são realizados nas noites de sábado e se estendem até a manhã do Domingo:

É porque no sábado é melhor porque no outro dia seguinte é feriado. . . hoje, no boi tem muita gente empregado, né,. E ensaiando dia de sábado, não, porque no dia seguinte você ta em casa, né,. Não adianta você ensaiar numa segunda, numa terça que. . . não adianta. Você tem que trabalhar, né. E no sábado não. (Informação verbal)¹⁴.

O ensaio acontece durante o “período de descanso” dos brincantes para que não tenham a preocupação de ir para o trabalho no dia seguinte. Por esse motivo foi também alterado a data de somente realizar o último ensaio geral ou redondo no dia 13 de junho, uma vez que o mesmo só ocorre na referida data quando coincide com um sábado, caso contrário, é feito no sábado mais próximo dessa data.

Na Maioba, o ensaio tornou-se uma mercadoria enquanto show, espetáculo. Se antes era feito nos terreiros de casas dos diversos povoados, passou a ser solicitado por grandes casas de espetáculo de São Luís à proporção que é garantia de atrair uma quantidade significativa de público capaz de consumir as bebidas e comidas vendidas no local. Vale ressaltar que qualquer pessoa que seja simpatizante do boi pode participar dos ensaios pois não é cobrado nenhum ingresso.

Se por um lado, o ensaio do boi da Maioba apresenta um lado moderno como produto turístico de grande importância para empresas públicas e privadas, por outro, o sentido maior não é esquecido pelos brincantes de que os ensaios “tem por finalidade dar a oportunidade de os brincantes aprenderem a cantar as toadas” (RIOS, 1999, p. 23). Este aprendizado se faz em um clima descontraído e de muita expectativa pela noite de ensaio.

Os ensaios se dão, então, de forma descontraída em que os brincantes, à paisana, realizam e refazem um momento crucial do calendário ritual do boi. Se por um lado, tem-se a continuidade de uma tradição que delineia a brincadeira, por outro, o grupo de boi da Maioba reinventa essa tradição à medida que venda seus ensaios tanto para pagar as suas despesas quanto para tornar-se mais conhecido e popular. Dentro de uma perspectiva moderna como produto turístico, o boi tem que sair do seu viveiro circulando por outros lugares de forma a ser visto. Em relação a isto um brincante diz:

Ah, mas aí a questão eu vou já lhe explicar. Aí é uma questão de uma mercaria, é, é, mercearia porque o senhor sabe: eu to aqui na minha casa, uma hipótese: eu to aqui na minha casa, eu aqui não to ganhando nada, eu não to ganhando nada, to na minha casa eu posso passar dez ano, dez ano, como

queira, não to ganhando nada, aí eu saio, eu saio, vou no Parque Vitória, eu posso, passando por lá, alguém pode me enxergar.¹⁵

E o ser “enxergado” não implica só arrecadar recursos para o boi, mas também garantir a circularidade da própria manifestação folclórica que é o boi da Maioba.

Terminado este período de ensaio, o boi tem que cumprir seus compromissos. Para tanto precisa ser batizado.

2.2 O boi sai, se batizado

O batismo apresenta-se como uma etapa do calendário ritual de grande importância por referir-se a um momento onde os brincantes revivem sensações construídas em um passado sem começo determinado: “Olha o batismo do boi é uma estória que vem de longas datas e essa tradição não tem como tirar; é o padre que vai pra lá faz o batismo do boi, o boi não pode sair pagão, tem de batizar, quer o padre teja, quer ele não teja” (Herculano – diretor do boi).

É então uma convicção para os brincantes fazer o batizado do boi posto que é uma “obrigação” decorrente da necessidade de abençoar o começo da vida pública anual do Bumba, consagrando a São João a sua temporada de apresentações, em consonância com o costume de consagrar coisas da vida cotidiana, através do ato de batiza-lo” (CARVALHO, 1995, p. 112). Com esse ato os brincantes tencionam atrair para o boi e para eles próprios a proteção de São João acompanhado de muitos fluidos de paz, sorte e felicidade, garantindo a abertura do caminho do bem para que o boi possa percorrer todos os terreiros, arraiais, ruas e largos da cidade sem receio de fazer as suas apresentações.

O batismo é importante pra gente não sair pagã; para que todos sejam abençoados, para que todos sejam glorificados pelo senhor São João, São Pedro e São Marçá... e fazer uma apresentação bonita por onde a gente queira que passa; fazer uma apresentação bonita com é, é, com êxito, com êxito porque o santo ta nos olhando para que a gente não perca para o contrário, é pra que a gente não perca para o contrário, não pra boi de A, nem de B, nem de C, porque há uma rivalidade, há uma rivalidade, no Bumba-meu-boi, é um querendo ser mais, maior que o outro. Então, nós temos que ficar bem preparado, temos que ta bem sucedido para en-

frentar esses outros contrários e pra isso a gente tem que antes de sair, temos que vir aqui na igreja do nosso santo protetor para receber força dele para que a gente possa partir pra luta. (Informação verbal)¹⁶.

Vale ressaltar que, ainda segundo os brincantes, o batismo só pode ocorrer no terreiro do boi porque é lá que está a sua referência física de religiosidade: a capelinha ou igreja. Dito de outra forma: a Maioba é o espaço sagrado do boi. “O espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso, porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação prévia implica a aquisição de um ponto fixo” (ELÍADE, 2001, p. 26). É inadmissível que o batismo, como evento, seja comercializado assim como acontece com os ensaios. A gente do boi não vê outra possibilidade de local para o batismo que não seja o bairro da Maioba. É comum entre os brincantes falas do tipo: “quem quiser saber como se faz um batismo do boi tem que ir para a Maioba”. E isso não é só discurso dos brincantes, mas também é divulgado por representantes dos governos estadual e municipal. Com isso, o “mundo de fora” é conduzido para chegar até o “mundo de dentro”, o da Maioba, levando consigo seus perigos e impurezas que podem afetar o “novo boi” e as suas novas fantasias.

Sem batizar, o boi e todo o grupo não pode sair e nem ser visto pelos de fora porque se não pode ser alvo de “olho grande”, de impurezas, dos perigos, das adversidades que compõem o mundo externo ao seu viveiro. O grupo de boi da Maioba (e não só ele mas todos os demais grupos de boi) recebe a benção do santo porque, segundo Douglas (1966, p. 66), esta “é a fonte de todas as coisas boas, torna aos homens possível viverem na terra”.

O batizado do boi da Maioba acontece, invariavelmente, no dia 23 de junho, véspera do aniversário de São João. Por conta disso, ocorre em plena época junina influenciado pela animação peculiar do período. Tanto é que há uma expectativa grande por parte dos brincantes para que chegue a hora do batismo e o boi poder sair. O batismo é mais uma etapa de uma grande festa que influencia na realização de outras pequenas festas como bailes dançantes, serestas, pagodes promovidos com o objetivo não só de divertir, mas arrecadar fundos para o próprio grupo ou para outras pessoas.

O boi, batizado, pode sair às ruas para apresentar-se, fazendo uma espécie de “flânerie” e levando consigo a sua memória, a sua tradição, a vontade dos brincantes em se divertir e louvar os santos católicos. É uma “flânerie” em que, dando conta dos choques e experiências modernas, ele expõe e reflete em suas toadas o cotidiano, a diversidade e adversidades peculiares ao mundo moderno, segundo Berman (1986).

Ao mesmo tempo, ao passear pela cidade, percorrendo os arraiais,

o boi protegido pelos santos e por Deus, é admirado e contemplado pelos turistas e aguça o interesse mercadológico de empresas públicas e privadas com o intuito de promover o turismo no Estado. Segundo fala do governador durante o batismo do boi em 2003: “investir na cultura significa emprego, renda, ou seja, uma condição de vida melhor para o nosso povo. A cidade está cheia de turista e isto é demonstração clara de que estamos fazendo o investimento certo”. E neste investimento, o boi da Maioba é um dos que recebe mais atenção do público e do governo, certamente devido ao empenho dos brincantes em fazer o boi e torná-lo conhecido cada vez mais e assim para os políticos um forte cabo eleitoral. Por isso, é que todo ano empenham-se em colocar o boi na rua apesar das dificuldades enfrentadas e ao mesmo tempo sentem a necessidade em receber a benção de Deus pois “o trabalho de Deus através da benção é, essencialmente, criar a ordem pela qual os negócios dos homens prosperam” (DOUGLAS, 1966, p. 66). Em relação aos brincantes isso significa organizar o boi para festejarem, brincando sem nenhuma briga e ao mesmo tempo poderem levar o boi da Maioba para vários lugares com o objetivo de serem lembrados e solicitados no próximo ano.

2.3 Batizar-se, apresentar-se... e morrer?!

O boi fez a sua “flânerie” pela cidade, observando e sendo observado, falando de sua tradição e do mundo moderno que o cerca, sendo alvo tanto de elogios, aplausos quanto de preconceitos. No geral, os brincantes voltam para o viveiro do boi alegres, satisfeitos tanto por causa de terem brincado bastante quanto pelo fato de terem cumprido os contratos das apresentações. O boi retorna a Maioba consciente também de que o seu ciclo de vida está chegando ao final: a sua morte é um fato.

A morte do boi é importante demais e como é importante porque a morte do boi ta che. . . , ela, ela, a morte do boi ta chegando no fim de tudo que fizemo diante de 23 até julho. São dois meses : junho e julho. Quer dizer, a morte do boi é o fim de tudo que fazemo, ao longo de tudo, de todo o trabalho, de tudo que foi gasto, é a morte do boi. . . e pra mim fico logo é, é triste porque digo : meu Deus do céu, aí tenho que esperar outro ano pra começar de novo. (Informação verbal)¹⁷.

Sendo assim, a matança do boi é realizada dentro de um clima con-

traditório de alegria e tristeza, felicidade e saudade, prazer e dor. Ao mesmo tempo em que se comemora a etapa final de uma boiada bem sucedida, uma vez que pode ser concluído com festejo, também se dá um sentido adeus ao boi que parte prometendo voltar na próxima temporada. É feita então a festa da morte do boi que por apresentar um nome tão paradoxal demonstra que o Bumba faz parte de uma teia simbólica, apresentando e provocando vários significados e sentimentos, inclusive contraditórios e ambíguos. Na perspectiva de Berman, (1994) nada mais moderno posto que para ele a modernidade é marcada por paradoxos que entrelaçados com “um acontecimento que é importante porque já virou tradição” (Herculano) garante o seu destaque como uma etapa fundamental do calendário ritual.

“É importante destacar que, apesar de a vida ainda continuar para os bois que brincam ‘extra-época’, a morte mantém o seu grande valor no ritual da brincadeira, representando um momento de auge no bumba maranhense” (CARVALHO, 1995, p. 136). Anteriormente, quando se fazia a morte do boi, segundo brincantes, ele morria mesmo para voltar somente no outro ano.

Cantava-se toadas da morte do boi e este era todo cortado; tirava-se o couro e saía-se vendendo. Ficava só a cabeça que outra pessoa pegava para fazer a brincadeira noutro ano. Aqueles pedaços de pau, as pessoas que recebiam guardavam-nos para fazer chás como remédio (MARANHÃO, 1999, p. 169).

Com o advento do Bumba-meu-boi como produto turístico, a morte tornou-se simbólica, remetendo a uma satisfação em dar continuidade a uma tradição. E a continuidade se deu sem que o boi fosse quebrado completamente e distribuído aos participantes, sendo este ato representado com a distribuição de bombons que são colocados e ornamentam o couro do boi. Isso foi assim feito porque sai caro confeccionar um boi para desmontá-lo completamente na morte. Ao mesmo tempo, o fato de não quebrar o animal dá a possibilidade do grupo poder apresentar-se em eventos que ocorram fora do período junino. É o que se chama de período extra-época que, pode-se dizer, já virou uma tradição inventada pelas circunstâncias modernas.

O boi tem sua festa de morte, mas não morre, permanecendo vivo. Por conta disso, os brincantes do boi da Maioba, dentro do seu universo simbólico, dão explicações variadas sobre o assunto. Uns afirmam que “foi o tempo em que o boi morre, ele agora só faz desmaiar” (Informação verbal)¹⁸ certamente porque assustou-se com a possibilidade de sua morte. Nesse caso ele despertaria quando surgisse a oportunidade de se apresentar novamente. Outros dizem

que o boi morre, mas por possuir a capacidade de ressuscitar ele torna a viver, podendo brincar novamente. Esta explicação é a menos admitida pelos brincantes.

Entretanto, existe uma explicação que pode ser considerada como a mais comum, é a que diz: o boi que morre é o boi do ano passado. Isto porque o animal tem um ciclo anual de vida. Dessa forma, ao sair às ruas a gente do boi acompanha e é acompanhada por dois bois: um que está começando a sua vivência e outro que terá a sua vida finalizada após os festejos juninos. Com isso, há sempre condições para que o boi da Maioba possa fazer apresentações extras para conseguir recursos financeiros para a brincadeira do outro ano.

De qualquer maneira, simbolicamente o boi morre e acaba se tornando também um evento de grande atrativo turístico tanto que chega a ser divulgado em rádios, tv's e jornais impressos cuja função é reunir um grande público para prestigiá-lo. Entre este, "há uma crença de que o sangue do boi trás sorte, energias positivas, bons fluidos às pessoas que o bebem" (RIOS, 1999, p. 54), demonstrando mais uma vez o caráter simbólico característico da brincadeira que se manifesta pelo fato de que o líquido vermelho é vinho tinto que é derramado em um balde quando a garganta do boi é cortada. Tal fato permite pensar em Geertz (2002) quando diz que ao se observar os nativos deve-se procurar saber o que eles acham que estão fazendo. Isto porque, a morte do boi para os brincantes "é o padrão mais importante da brincadeira" (informação verbal)¹⁹ mesmo em um mundo de modernidade imposta em que a todo momento eles se deparam com a transitoriedade das experiências modernas que os leva a ter que (re) significar o pós-morte do boi em meio a seu caráter mercadológico. Aqui também tradição e modernidade dialogam não como meio de que os brincantes se adaptem ou resistam às exigências sociais, mas como forma de exemplificar que ao se falar de manifestações folclóricas deve-se levar em conta o critério de representatividade sócio-cultural, como sugere Canclini (1983) e é afirmado por Carvalho (1992), e não a noção escorregadia de autenticidade. Sendo assim, a festa da morte tem o seu significado para a gente do boi mesmo que o boi se apresente depois.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem-se assim um boi de casa e um boi da rua, da tradição e da modernidade em que longe de serem excludentes e feitos para ocasiões diversas, caminham lado a lado, ou melhor é um só, originado do contexto social onde os brincantes de boi se encontram e reconstróem o seu mundo simbólico por meio de suas relações sociais. Nesta reconstrução do mundo há uma convivência do velho e do novo, uma junção do passado com o presente, num processo de inclusão, exclusão e permanência de determinados elementos que permite a

tradicionalização do moderno e a modernização da tradição. A tradição se renova devido às exigências da realidade moderna ou é reinventada de acordo com as circunstâncias históricas. Ao mesmo tempo, o que é aparentemente novo, moderno reveste-se do passado buscando nele aquilo que pode dar ao Bumba-meu-boi condições para não se “desmanchar no ar”, não ser subsumido em meio aos choques, paradoxos, heterogeneidade da vida moderna.

Sendo assim, todo ano o boi da Maioba faz a sua “flânerie” em que seus brincantes vêem, ouvem e sentem o mundo. Não só o mundo pretensamente moderno, atual, novo mas o mundo da tradição, do passado, da memória, o mundo da experiência tornando-se, assim, sujeitos e objetos daquilo que constroem ou do boi que fazem.

Abstract

A “FLANERY” ABOUT THE SIRLOIN OF THE “BUMBA-MEU-BOI”: THINKING THE TRADITION/MODERNITY IN “MARANHENSE” POPULAR CULTURE

Manifestation of great expressiveness in the State of Maranhão, the “Bumba-meu-boi” is a phenomenon of the popular culture that can be seen like subject of reflexion for analysis of the relation tradition/modernity. This because is a festivity constituted by “traditionals characteristics” elements and so called moderns elements obtained since the moment they became a touristic merchandise. Based in this perspective, this work try to demonstrate how the players of ‘Maioba’ ox act with and for society in a way a “flanery” for the past and present. In this action, they developed a complex deslocation game of their symbols that contribute for reunion of friends, knowns or unknowns, conduct them to bring up to date their ties of solidarity and give continuity to the play.

Keywords: Bumba-meu-boi. Tradition. Modernity. Popular culture.

Notas

1 O uso da expressão “flânerie” é uma alusão aos textos de Walter Benjamin quando se

refere ao poeta Charles Baudelaire como um “flâneur”, como aquele que passeia pela cidade, observando atentamente os conflitos, as contradições e transformações da vida moderna (especificamente a Paris do século XIX). Ao mesmo tempo, o “flâneur” expõe-se aos choques do mundo sensível que são mais intensos na modernidade. Segundo Benjamin, este passeio pela cidade apresenta-se como possibilidade de um retorno ao passado, à história como busca de uma identidade. Algo semelhante acontece no Bumba-meu-boi, posto que ao fazer a sua “flânerie” (vadiagem, no francês literal) pela cidade, o boi transita entre o passado e o presente expondo em suas toadas, indumentária e mesmo no couro do boi as inquietações do homem moderno. Para melhor compreensão desta discussão, são importantes as leituras: BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989 (obras escolhidas, v.3) e RIOS, Adriano Farias. Para pensar a teoria da memória de Walter Benjamin. Cadernos do PET – CS. São Luís: Imprensa Universitária, v. 3, nº 1, 1998, pp 81-87.

2 Zé Inaldo – presidente do boi.

3 Arraia – matraqueiro. Aquele que toca matraca (pedaço de madeira)

4 Lugar de origem do boi, moradia, viveiro.

5 Zé Inaldo.

6 Zé Inaldo.

7 Valdenor – matraqueiro.

8 A cantiga, o canto.

9 Valdenor – matraqueiro.

10 Projeto idealizado e desenvolvido durante o governo de Roseana Sarney cujo objetivo era incentivar a cultura, o lazer e o esporte em vários bairros.

11 Caboclo de pena, rajado, vaqueiro são personagens do boi.

12 Júnior, miolo do boi, que é o homem que brinca sob a armação de boi (armação feita geralmente de buriti, paparaúba, jeniparana recoberta de veludo preto bordado de canutilhos, missangas, paetês, espelhos e fitas coloridas).

13 Ribamar - matraqueiro.

14 Arraia - matraqueiro.

15 Valdenor - matraqueiro.

16 Ribamar - matraqueiro.

17 Ribamar - matraqueiro.

18 José Ribamar Pereira.

19 José Ribamar Pereira.

REFERÊNCIAS

- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmanchar no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CANCLINI, Nestor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- CARVALHO, José Jorge de. O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna. In: _____. **Folclore e cultura popular**: as várias faces de um debate. Rio de Janeiro: MEC/IBAC, 1992. pp 23 – 34.
- CARVALHO, Maria Michol Pinho de. **Matracas que desafiam o tempo**: é o bumba-meu-boi do Maranhão, um estudo da tradição/modernidade na cultura popular. São Luís, 1995.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1966.
- ELÍADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em Antropologia interpretativa. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- MARANHÃO. Fundação Cultural. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. **Memórias de velhos**: depoimentos, uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: LITHOGRAF, 1999.
- MARQUES, Francisca Éster de Sá. **Mídia e experiência estética na cultura popular**: o caso do Bumba-meu-boi. São Luís: Imprensa Universitária, 1999.
- OLIVEIRA, Andréa. **Nome aos bois**: tragédia e comédia no bumba-meu-boi do Maranhão. São Luís, 2003.
- RIOS, Adriano Farias. **Tradição e modernidade**: o bumba-meu-boi do Maranhão. São Luís: 1999 (mimeo).